

Brigitte Frelat-Kalm.

LELANGAGE, Paris, Editions Quintette, 1995, 63 páginas (coleção "Philosopher", formato bolso, \$ 8,96 francos franceses)

Nestes tempos de pressa, são cada vez mais comuns as coleções de "livrinhos de divulgação". Não pretendo atribuir sentido pejorativo à expressão. Ao contrário. Basta pensar, por exemplo, (1) na antiga e excelente coleção Armand Collin ("vulgarizer sans abaisser"!), editada na França; (2) nos livros das coleções da DTV, da Alemanha; (3) nas obras que constituíram a série "Fontana modern masters", editadas na Inglaterra; (4) nos interessantes volumes da "Que sais je?", de tempos mais recentes; (5) nas inúmeras séries de "pocket books" de alta qualidade, elaboradas nos EUA ("Bantam new sciences", para dar apenas um de várias dúzias de exemplos) - a fim de reconhecer que os tais "livrinhos" têm importante papel a desempenhar. Em verdade, tornaram-se indispensáveis para a disseminação de alguns tipos de informação que o rádio, a TV, os jornais, as revistas e mesmo os computadores, via "internet", só armazenam e difundem com certa dificuldade.

Em vista da ampla aceitação alcançada por tais coletâneas, não surpreende que acabem, muitas vezes. Cometendo dois "pecados" nem sempre dignos de perdão. De um lado, chegam a "baratear" a tema abordado, tornando-o superficial e, não rara, meia confuso. De outro lado, tentam "varrer" uma quantidade exagerada de tópicos, na ânsia de ganhar mais e mais leitores, dispersando-se em "amenidades".

Num ou noutro caso, porém, as coleções se mostram felizes, porque o texto ficou a cargo de um escritor qualificado, de boas qualidades didáticas; e porque o tema escolhido é passível de se ver "esgotado", de modo claro, em 50 ou 60 páginas.

Na coleção "Philosopher", cujos livros são distribuídos pelas Editions Quintette, de Paris, os volumes têm cerca de 60 páginas - formato 15X10 cm, com 31 linhas (60 batidas). Cada livro de "Philosopher" se volta para um tema específico, atendo-se a uma noção, a uma doutrina ou a um autor - na área da

filosofia.. Exemplificativamente, (1) liberdade, (2) direito, (6) ilusão, (13) tempo, (16) trabalho, (23) justiça, (28) violência, (31) morte, etc., etc.

A série destina-se, em princípio, aos alunos que prestam concurso de ingresso às "grandes écoles". Tem como especial objetivo orientar leitores, capacitando-os a elaborar suas dissertações, nos referidos concursos.

Este livro de Frelat-Kahn começa com breve introdução (quatro páginas) que, a rigor, pode ser ignorada. A autora compara (a) *homem = bípede implume*; e (b) *homem = ser, falante*. Conclui que a primeira "definição" nada nos diz acerca do ser humano, ao passo que a segunda assevera algo a respeito de 'homem' e a respeito de 'linguagem', o que é extremamente discutível.

A conclusão (página e meia) é igualmente dispensável. Ai se diz que a lingüística não tem sido capaz de esclarecer o que seja **significado**. A par disso, se diz que as análises filosóficas mostrariam que a linguagem nos permite deixar os níveis da "mediatez", para que alcancemos os níveis da "invenção".

O corpo da obra está separado em três partes: (I) a lingüística; (II) a passagem da descrição à análise da linguagem; (III) a filosofia da linguagem. Na primeira, após ligeiras anotações a respeito de *sincronia/diacronia*, "*langue et parole*" e *comunicação*, a atenção se volta para o signo. Em tom de crítica, a autora nota que Saussure (definindo signo como relação "interna" de elementos psíquicos) não vincula o nome de uma coisa a essa mesma coisa. Elogia-o, porém, ao distinguir signo e símbolo. Registra, no fim, que a lingüística se mostra incapaz de explicar a especificidade da linguagem.

A segunda parte principia com duas observações. (a) A lingüística deve englobar uma

concepção, ou definição de linguagem; (b) não pode, porém, limitar-se a estudar a linguagem pela prisma da comunicação. A autora lembra o **Crátilo**, de Platão, para quem um nome se "incorpora" à coisa nomeada - o significado se transforma na coisa (no Ser). Se essa tese é possível de crítica, também o será a tese contrária, do signo restringido à condição de simples convenção. (O ponto não fica muito claro, mas, em síntese, o *significado*, agora, de acordo com a autora, é um ser - o que a ela parece inadmissível, pois se rompe a relação com o assunto de que se fale.) A autora insiste, ainda, em que não cabe abandonar a distinção entre significação e denotação - sobretudo para evitar que um vocábulo represente obrigatoriamente um objeto. A parte II se encerra notando - de modo breve, de compreensão meio duvidosa para um principiante - que (1) é viável construir frases gramaticalmente corretas que, no entanto, nada asseverem (e. g., "O céu é três vezes mais belo em Roma que em Paris"); (2) é preciso ter em conta "níveis de linguagem", distinguindo **indivíduos** (nível 0), **classes de indivíduos** (nível 1), **classes de classes de indivíduos** (nível 2), etc.; (3) é preciso contornar a ambigüidade de termos como 'hoje', 'eu', 'aqui', etc., cujo significado varia de acordo com quem fala, com o local em que se fala, com o momento da fala, e assim por diante.

Na parte III, Frelat-Kahn lembra que o significado pode ser visto como a o "interno", ou seja,

algo que se associa a uma "estruturação do sujeito"; e pode ser visto como algo "empírico", ou seja, algo que depende de uma conexão com o mundo. Exemplificando as duas posições, a autora cita Chomsky (internalista) e Bloomfield (empirista). Elogia Chomsky, porque sua teoria (existiria uma tal teoria? - indago eu) preserva características notáveis da linguagem: (a) seu aspecto criativo; (b) sua total falta de limitações; c sua coerência, com respeito aos fatos. Elogia os empiristas e, após lembrar que não cabe confundir verdade e significação, assim resume contribuição que prestaram: "A significação é a condição de possibilidade de verdade; a verdade é o indicador da significação". As anotações finais dizem respeito aos atos de fala (como discutidos, p. ex., em trabalhos de J. L. Austin e J. Searle).

Neste comentário, procurei indicar os múltiplos problemas a que a autora faz alusão, neste pequeno livro, para mostrar que há, a rigor, excesso de informações em curto espaço. E' possível que o livro sirva a consulentes que já tenham examinado o assunto anteriormente. Será, talvez, um, "lembrete", de alguma utilidade para os candidatos aos concursos e aos vestibulares. Dificilmente, porém, servirá para orientar um leigo, ofertando-lhe informações claras e dignas de estudo.

**Leonidas Hegenberg**  
Res 35 - Nov. 96.